

A PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA SOBRE A PALESTINA ENTRE 2000 E 2021: PESQUISAS E ABORDAGENS

*BRAZILIAN ACADEMIC PRODUCTION ON
PALESTINE BETWEEN 2000 AND 2021: RESEARCH
AND APPROACHES*

Carolina Ferreira de Figueiredo

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Nina Fernandes Cunha Galvão

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar um levantamento bibliográfico da produção brasileira sobre o tema da Palestina. Para isso, delimitou-se este mapeamento para as publicações de dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas a partir do ano 2000 até o ano de 2021 em universidades federais e algumas instituições estaduais e/ou privadas. Desta maneira, procura-se visualizar os caminhos de investigação sobre a Palestina a partir do Brasil, analisando as áreas de estudo, a distribuição geográfica dos trabalhos, os núcleos de pesquisa e as temáticas angariadas, sinalizando um possível crescimento do campo e das perspectivas críticas a ele relacionadas. Encaminha-se também para uma reflexão sobre os desafios atuais para o estudo da Palestina no Brasil e as

Abstract: This article aims to present a bibliographical survey of the Brazilian production on the theme of Palestine. For this purpose, this overview took into consideration the publications of master's dissertations and P.h.D theses from the year 2000 to 2021 in federal universities and some state and/or private institutions. We aim to visualize the paths of investigation into Palestine from Brazil, analyzing the areas of study, the geographical distribution of the material, the research centers and the themes raised, signaling a possible growth of the field and critical perspectives related to it. It also leads to a reflection on the current challenges for the study of Palestine in Brazil and the potential for expanding the field in Brazilian academia.

Keywords: Palestinian Studies in

potencialidades do alargamento do campo na academia brasileira.

Brazil; Theses and Dissertations; Question of Palestine.

Palavras-chave: Estudos palestinos no Brasil; Teses e Dissertações; Questão da Palestina.

1. Introdução

Os estudos sobre o Oriente Médio em geral, e sobre a Palestina mais especificamente, têm se ampliado nos últimos anos no âmbito da pesquisa acadêmica, ainda que se mantenham marginais em muitos cenários brasileiros. Assim, este artigo propõe um mapeamento inicial de pesquisadores que dedicaram parte de suas investigações ao estudo da Palestina, abarcando diferentes abordagens temáticas com recorte contemporâneo, a partir do século XIX. Mais especificamente, o levantamento está circunscrito às dissertações de mestrado e teses de doutorado produzidas a partir do ano de 2000 até 202 em universidades federais brasileiras, além de instituições estaduais e/ou privadas, como é o caso da Universidade de São Paulo (USP), as Pontifícias Universidades Católicas (PUCs), entre outras, como será detalhado nas próximas páginas. Vislumbramos, a partir deste levantamento, analisar as pesquisas em termos das áreas, temáticas e distribuições geográficas destes trabalhos, refletindo sobre o campo de estudos sobre a Palestina de maneira ampla, de modo a situar as iniciativas e desafios para o alargamento da área na academia brasileira.

A partir deste mapeamento, pudemos observar que antes de 2000 existem poucos trabalhos que tratam especificamente da questão da Palestina. Isto pode ser analisado através de uma miríade de questões, que vão desde o acesso às fontes, o contato com a língua árabe e traduções, até a disponibilidade de áreas de pesquisa e orientação neste tema. Entretanto, é possível inferir que, do ponto de vista da produção do conhecimento, as transformações na historiografia e no campo epistemológico contribuíram para uma ampliação do interesse e da possibilidade de estudo. Por exemplo, o campo dos estudos do “terceiro mundo” ou do “sul global” tem promovido aproximações analíticas em estudos de regiões diferentes, proporcionando, por um lado, visualizar situações e contextos pouco trabalhados até então (como a região do Oriente Médio, o continente africano e asiático), e por outro, dimensionar os pontos de contato destes com relação aos processos sociais

vividos no Brasil. Ainda que seja necessário cautelas teórico-metodológicas nesta via, como aponta Chandra Mohanty (1991) ao dissertar sobre a universalização das experiências das “mulheres de terceiro mundo”, por exemplo, há também potencialidades nestas conexões transnacionais, especialmente no que diz respeito à historicização destes contextos diversos ao longo dos séculos XX e XXI e em que medida estes podem se relacionar. Nesse âmbito, não somente os contextos históricos têm sido aproximados, mas a própria articulação conceitual em torno do eurocentrismo (ou “ocidocentrismo”), da modernidade, do capitalismo, entre outros.

Relacionado a este processo de mudança epistemológica, podemos refletir sobre a importância da teoria pós-colonial para a investigação de diferentes locais do mundo, e neste caso, da Palestina, e como isto se reflete em uma produção crítica acerca do processo histórico palestino, especialmente para o contexto a partir do fim do século XIX, bem como no questionamento de narrativas hegemônicas e oficiais sobre a constituição do Estado de Israel e acerca da população palestina. Nesse sentido, os escritos de Edward Said são significativos, considerando seu trabalho seminal, *Orientalismo* (2007), em que o autor discute a invenção do Oriente pelo Ocidente, e tantos outros que dialogam com esta temática geral, como o livro *Cultura e Imperialismo* (2011), e mais diretamente, o livro *A Questão da Palestina* (2012). Said, ele mesmo palestino, coloca no centro de sua reflexão os efeitos do imperialismo e colonialismo na região do Oriente Médio, e no caso específico da Palestina, examina o estado de não reconhecimento da população nativa da região palestina – e porquanto da (não)historicidade do território –, dissecando a construção de um imaginário de interiorização de árabes e palestinos em detrimento do apoio ao projeto etno-religioso sionista por parte da Europa, especialmente a Inglaterra, e posteriormente os Estados Unidos.

Outra categoria fundamental é o próprio conceito da Nakba, termo em árabe que designa a catástrofe que significou para os palestinos a criação do Estado de Israel em 1948. Ao dimensionar a Nakba como um processo central (e violento), a produção historiográfica questiona as narrativas sionistas para a criação de Israel, como a ideia de uma “guerra de independência”, ou do suposto destino religioso do território, bem como examina a constituição da própria ideologia sionista, compreendida como um processo político colonial recente, tal como faz o historiador

palestino Nur Masalha (1992). Ademais, as múltiplas dimensões da Nakba vêm sendo desenvolvidas junto das noções de marginalidade e subalternidade próprias da teoria pós-colonial, com investigações que procuram inquirir sobre diferentes aspectos da realidade palestina, e cada vez mais a partir de uma perspectiva nativa. Neste âmbito, é possível destacar o trabalho de Rosemary Sayigh (1992), com o trabalho etnográfico no campo de refugiados de Shatila, no Líbano, as reflexões em torno das espacialidades e da memória a partir do livro organizado por Lila Abu-Lughod e Ahmad H. Sa'di (2007), e, ainda, as contribuições de Nur Masalha (2012) sobre o processo de apagamento histórico dos palestinos.

Ainda que não seja possível citar à exaustão os estudos contemporâneos sobre a Palestina neste momento, este breve cenário pode nos ajudar a compreender como os estudos supracitado impactam na produção historiográfica de modo geral, e como estas estão colocadas no espaço da academia brasileira; e a partir disso, investigar as formas pelas quais a Palestina vem sendo estudada nos últimos vinte anos no Brasil. Antes de adentrar no levantamento propriamente dito, é possível ainda mencionar os livros que foram lançados no âmbito da produção brasileira sobre a Palestina, situando um primeiro panorama da presença destes estudos. Em ordem de publicação, o primeiro deles é de André Gattaz (2003), intitulado, *A Guerra da Palestina: da criação do Estado de Israel à Nova Intifada*, livro de 2003; também os livros *A Questão Palestina: guerra, política e relações internacionais*, de Marcelo Buzetto (2015) e *Al Nakba – um estudo sobre a catástrofe palestina*, de Soraya Misleh (2017), lançados em 2015 e 2017, respectivamente. E o mais recente, de 2020, organizado por Ashjan Sadique Adi e Fábio Bacila Sahd (2020), com capítulos de diversos autores, o livro intitulado *Oriente Médio e Palestina pesquisados a partir do Brasil: reflexões acadêmicas, marginais e críticas*. As obras realizam um apanhado histórico sobre a região a partir de uma miríade de abordagens e a mais recente, organizada por Adi e Sahd destaca-se em particular pela pluralidade de temas tratados e instrumental analítico mobilizados.

2. O levantamento: recortes do mapeamento

Compreendendo a impossibilidade de realizar um levantamento completo neste espaço, nosso mapeamento seguiu alguns critérios específicos. Em primeiro

lugar, delimitou-se a pesquisa para as produções de dissertações de mestrado e teses de doutorado, partindo de publicações do ano 2000 até o ano de 2021. O recorte foi realizado para as universidades federais de todo o Brasil, as universidades estaduais dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, como a Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), Universidade de Campinas (UNICAMP); e do Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e as instituições privadas Pontifícias Universidades Católicas (PUCs), localizadas no Rio Grande do Sul (PUC-RS), Paraná (PUC-PR), São Paulo (PUC-SP), Minas Gerais (PUC-MG) e Rio de Janeiro (PUC-RJ).

Deste conjunto, justificamos a seleção das universidades estaduais de São Paulo e Rio de Janeiro por se apresentarem como instituições relevantes no cenário brasileiro e de grande porte (no sentido de financiamento, pesquisa e tamanho), e como veremos, algumas concentram uma quantidade expressiva de estudos sobre a Palestina. Da mesma forma, incluímos as PUCs, ainda que uma instituição privada. Ainda assim, entendemos a importância de realizar um levantamento das demais universidades estaduais do país, tendo em vista inclusive um panorama da produção de conhecimento descentrada do sudeste. Além disso, foi incluído o Programa San Tiago Dantas, um programa especial de Pós-Graduação em Relações Internacionais que está vinculado às instituições de ensino da UNESP, UNICAMP e PUC-SP, e que conta com um número significativo de pesquisas no tema.

Para realizar as buscas nestas instituições e/ou programas, utilizamos as palavras-chave "Palestina", "palestino" e "palestinos". Cabe ressaltar que no processo de levantamento apareceram trabalhos que tratam mais especificamente da arqueologia na região e/ou do período da Antiguidade, associados ou não à estudos bíblicos, e que não foram inventariados por não tratarem do tema da história palestina contemporânea e tampouco da "questão da Palestina". Relacionado a isso, dissertações e teses que abordam com centralidade os temas do judaísmo, sionismo e Israel não foram selecionadas, por não discutirem mais detidamente a problemática da Palestina, ainda que apresentem alguma relação com o tema nas suas investigações. Da mesma forma, trabalhos de escopo amplo como "Oriente Médio" ou "Mundo Árabe", ainda que eventualmente citem a Palestina, não foram contabilizados por não se tratarem de abordagens específicas ao assunto.

Os locais de busca foram plataformas digitais, principalmente o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, um sistema online oficial do governo brasileiro para depósito de teses e dissertações, e que está vinculado ao Ministério da Educação (MEC). Consiste de uma base de dados obrigatória para o depósito de teses e dissertações, de modo que contém toda a produção acadêmica nacional, ainda que não forneça o texto completo dos materiais publicados. Também se buscou na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), um mecanismo que integra as bibliotecas das universidades brasileiras que utilizam o sistema BDTD do Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia (IBICT), vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia. Ainda se pesquisou nas bases de dados das universidades, mais especificamente no banco de teses e dissertações de cada uma das instituições de ensino selecionadas.

3. Considerações preliminares sobre os estudos da questão da Palestina no Brasil

Se não podemos dizer que há um grande predomínio de pesquisas a respeito da questão da Palestina no Brasil, tampouco parece sensato afirmar que se trata de uma produção exígua. A partir dos critérios expostos acima, o levantamento localizou um total de 100 trabalhos, 73 dissertações de mestrado e 27 teses de doutorado – o que, se não é muito, tampouco pode ser classificado como uma escassez de investigações sobre o tema. Naturalmente, trata-se de um recorte temático que dificilmente poderá alcançar uma popularidade entre pesquisadores brasileiros próxima à de estudos sobre história do Brasil ou aspectos da colonização portuguesa, por exemplo. Mas, tendo em vista a especificidade do assunto, que pode ser tomado inclusive como um sub-nicho dentro de estudos do “Oriente Médio” ou “Mundo Árabe”, consideramos o corpo de pesquisas realizadas ao longo das duas últimas décadas relevante. Cabe então traçar algumas considerações a respeito da distribuição temporal e geográfica das pesquisas, destacando pontos importantes relativos à concentração da produção em determinado período e região.

3.1. Distribuição Temporal

Em primeiro lugar, é bastante significativo o número de trabalhos extremamente recentes. Das 73 dissertações de mestrado localizadas desde o ano 2000, 80% (58 trabalhos) foram defendidas após 2010, com 38 delas (mais da metade do total) tendo sido concluídas após 2015. Este pode ser um dos motivos pelos quais ainda não se observa grande continuidade nas pesquisas, com poucos estudantes fazendo mestrado e doutorado no tema (são apenas seis casos assim: Rafael Oliveira/UFPR, Luiz Salgado Neto/UFRJ, Bruno Huberman/San Tiago Dantas, Sônia Hamid/UNB, Liana Lopes/PUC-RJ e Claudia Stephan/UFPR). Muitos desdobramentos das pesquisas de mestrado concluídas nos últimos cinco ou seis anos podem estar ainda em andamento. Quanto às pesquisas de doutorado, observa-se tendência similar no que diz respeito à concentração nos últimos anos: 21 das 27 teses (78%) encontradas foram concluídas a partir de 2010, 15 das quais (55% do total) após 2015.

Ainda que este seja um levantamento inicial que merece ser aprofundado com um cruzamento de dados mais específicos – como uma periodização de acordo com cada grande área, recorte temático ou programas de pós-graduação, é possível levantar algumas hipóteses a respeito do expressivo aumento no número de trabalhos sobre a Palestina na última década e especialmente ao longo dos últimos cinco ou seis anos.

Tais estudos possuem, é claro, uma dinâmica própria, mas não deixam de dialogar com tendências comuns ao campo ampliado dos estudos sobre Oriente Médio, língua e cultura árabe e mesmo religião islâmica. Conforme apontou Murilo Sebe Bon Meihy (2014), a “grande área” como um todo viveu um salto tanto quantitativo como qualitativo nos últimos anos, com pesquisas cada vez mais empenhadas em “vencer as barreiras da excentricidade” que marcaram por décadas os discursos sobre o Oriente no Brasil. Podemos, portanto, situar o boom recente nas pesquisas dedicadas à Palestina no contexto de uma cena acadêmica e cultural particularmente efervescente envolvendo o Oriente Médio e o Mundo Árabe. Como destacou um artigo do *Le Monde Diplomatique Brasil* (2021) ao noticiar a recente fundação de um Clube de Leitura Mundo Árabe e Diásporas pelo Centro de Estudos Árabes e Islâmicos (CEAI) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), “uma tríade é

responsável por este momento – a recém-nascida editora Tabla, a nova geração de arabistas brasileiros (formados, principalmente, na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo) e eventos acadêmicos-culturais abertos e gratuitos, como a iniciativa do Ceai”.

Nesse sentido, o novo clube do livro – que já debateu uma obra palestina – pode ser colocado ao lado de outras iniciativas culturais como a Mostra Mundo Árabe de Cinema promovida anualmente desde 2008 pelo Instituto de Cultura Árabe (Icarabe), em São Paulo. Eventos culturais como esses, que muito frequentemente contam com produções estéticas palestinas, são de suma importância não somente por levar discussões sobre os temas propostos para um público cada vez mais amplo e extra-acadêmico, mas por colocarem em pauta questões que extrapolam os aspectos geopolíticos óbvios que envolvem o mundo árabe e a questão da Palestina, como suas dimensões culturais e estéticas. Ou seja, levantamos a hipótese de que, na medida em que as conversas em torno do mundo árabe e muçulmano e do Oriente Médio se tornam mais diversificadas e qualificadas, os trabalhos voltados especificamente para a questão da Palestina também tendem a ganhar em profundidade.

A este ponto soma-se a questão crucial do acesso a fontes e bibliografia sobre o assunto, pois se ainda temos dificuldade em encontrar materiais, especialmente em português, o cenário já é bem mais animador do que há vinte anos. Para isso contribuem definitivamente as novas gerações de arabistas mencionados acima e, talvez de maneira ainda mais crucial, o acesso facilitado a materiais e fontes de diversos tipos e em outros idiomas via internet, na forma de e-books ou artigos acadêmicos de livre acesso.

Por outro lado, podemos enxergar o movimento de ampliação no número de pesquisas sobre a Palestina a partir de um quadro de inserção dos debates sobre o tema dentro da Universidade através de especialistas. O Brasil vem formando pesquisadores que se dedicam especificamente a temas relativos ao Oriente Médio, mundo árabe e islâmico e a questão da Palestina, os quais passaram a ingressar nas universidades como professores e a criar laboratórios e grupos de estudos diretamente ligados a tais assuntos. Tal empenho tende, ao longo do tempo, a gerar interesse por parte dos alunos e agregar eventos e discussões sobre o tema. Ainda

que neste artigo não tenhamos nos debruçado sobre esse recorte específico – um dos motivos pelos quais ressaltamos o caráter preliminar de nosso levantamento –, parece razoável supor que entre a década de 1990 e o ano 2000 havia menos professores especialistas nestas áreas nas universidades brasileiras. Este ponto está também, com toda a probabilidade, ligado ao problema da (má) distribuição das pesquisas pelo território nacional, do qual trataremos adiante. Assim, as dissertações e teses encontradas parecem concentrar-se em (1) locais com especialistas e laboratórios que agrupam alunos com interesse no tema, potencializando o número de trabalhos; (2) locais onde não há especialistas, mas há interesses “isolados” de alunos, que acabam criando nichos de possibilidade de estudo, de modo que as pesquisas não se encontram circunscritas a algum professor-orientador específico.

Finalmente, ao avaliarmos o boom nas pesquisas ao longo da última década seria impossível ignorar o impacto dos acontecimentos de 11 de Setembro de 2001 sobre a produção acadêmica nacional a respeito do Oriente Médio e do mundo árabe-muçulmano em geral, bem como da Palestina. Como registram os professores Samira Adel Osman (2020) e Murilo Sebe Bon Meihy (2014), as pesquisas relacionadas à região ganharam um importante fôlego a partir do início dos anos 2000. Parece-nos razoável supor que os resultados de tal explosão de curiosidade não foram imediatos, levando alguns anos até que os temas correlatos passassem a ser estudados de maneira mais recorrente e se consolidassem enquanto objetos de pesquisa nas mais diversas áreas do conhecimento. Além disso, acontecimentos ainda mais recentes como a chamada Primavera Árabe e a Guerra Civil síria contribuíram para manter o interesse dos pesquisadores na região.

Em relação aos espaços acadêmicos onde se concentram as pesquisas, nota-se que, ao contrário do que poderíamos imaginar, os estudos sobre a Palestina não se desenvolvem apenas em programas de pós-graduação em História, Ciência Política ou Relações Internacionais, ainda que estas sejam as áreas de maior concentração de trabalhos encontrados (21, 12 e 19, respectivamente). As temáticas exploradas nas dissertações e teses levantadas serão melhor detalhadas mais adiante, mas por hora ressaltamos que é bastante instigante e animadora a perspectiva de que a questão da Palestina venha sendo estudada no Brasil sob prismas tão diversos quanto a Psicologia, Geografia Física e Humana, Antropologia, Teoria Literária, Comunicação e

Pedagogia do Teatro, para citar algumas dentre as trinta áreas de estudo nas quais foram encontradas pesquisas relacionadas ao tema.

3.2. Distribuição Geográfica

Se as áreas nas quais se desenvolvem os estudos sobre Palestina mostram uma saudável diversificação, ao olharmos para a distribuição geográfica das pesquisas não podemos deixar de constatar um panorama bem menos animador – ainda que com indícios de alguns desdobramentos recentes promissores.

A concentração de trabalhos na região Sudeste é gritante: foram encontradas 47 dissertações de mestrado (26 em São Paulo, 16 no Rio de Janeiro, quatro em Minas Gerais e uma no Espírito Santo) e 23 teses de doutorado (14 em São Paulo, sete no Rio de Janeiro e duas em Minas Gerais), o que corresponde a 70% de todos os trabalhos encontrados, 64% das dissertações e impressionantes 85% das teses. Destaca-se ainda que a distribuição das pesquisas não é de modo algum equilibrada dentro da região: o estado de São Paulo concentra sozinho quase 40% das pesquisas de mestrado sobre Palestina no país e mais da metade das de doutorado, enquanto Rio de Janeiro e São Paulo possuem, juntos, 57% das dissertações e quase 78% das teses.

A segunda região com maior número de pesquisas é o Sul, com 13 dissertações (cinco no Paraná, quatro no Rio Grande do Sul e 4 em Santa Catarina) e duas teses (ambas no Paraná), o que corresponde a 15% do total de trabalhos encontrados e 17% e 7,5% das pesquisas de mestrado e doutorado, respectivamente.

O Centro-Oeste conta com uma produção significativa: nove dissertações e duas teses. No entanto, seis das pesquisas de mestrado encontradas, assim como as duas de doutorado, foram realizadas na Universidade de Brasília (UNB). Em Goiás e no Mato Grosso encontramos, respectivamente, uma e duas dissertações de mestrado, enquanto o estado do Mato Grosso do Sul não conta com nenhuma produção no tema segundo os critérios utilizados no levantamento. Destaca-se ainda a escassez de trabalhos sobre a Palestina nas regiões Norte (apenas uma dissertação de mestrado, na Universidade Federal do Pará) e Nordeste (três pesquisas de mestrado encontradas, duas no Rio Grande do Norte e uma em Pernambuco) do país. Os estados do Amazonas, Tocantins, Amapá, Acre, Rondônia, Roraima, Bahia,

Sergipe, Paraíba, Ceará e Maranhão não contam com nenhuma produção acadêmica no tema em suas Universidades Federais.

Tal disparidade na distribuição geográfica das pesquisas deve ser considerada, naturalmente, a partir da oferta de vagas e programas de pós-graduação em cada região do país, levando em conta principalmente a recente expansão do Ensino Superior no Brasil nas últimas duas décadas, com a criação de inúmeras novas instituições federais cujos programas de pós-graduação são ainda muito jovens. A gritante concentração de trabalhos no Sudeste, cujas instituições de Ensino Superior tendem a ser providas de muito mais recursos humanos e financeiros que em outras regiões do país, deve ser relacionada antes de mais nada a uma desigualdade regional estrutural e estruturante no meio técnico-científico-informacional brasileiro. Ou seja, não se trata de modo algum um problema restrito ao campo de pesquisa que examinamos aqui, e poderíamos fazer tal constatação em relação a muitos outros temas de estudos além da questão da Palestina. Além disso, é preciso ressaltar que essa pesquisa preliminar precisa ser aprofundada a partir do cruzamento de dados temporais e espaciais de várias naturezas- como por exemplo a existência de revistas e periódicos especializados vinculados às universidades de cada região- para obtermos um panorama mais aprofundado do atual cenário.

Feitas todas essas ressalvas, gostaríamos ainda assim de esboçar algumas considerações acerca do atual cenário de (má) distribuição geográfica das pesquisas a partir de um levantamento complementar em particular: dos laboratórios, núcleos, grupos e centros de pesquisa dedicados ao mundo árabe, Oriente Médio e áreas correlatas existentes nas instituições de ensino consideradas.

Tal investigação nos pareceu fundamental para tentarmos delinear as linhas gerais do processo de consolidação da questão da Palestina enquanto objeto de pesquisa no cenário acadêmico nacional, uma vez que, conforme mencionamos, a existência de núcleos e centros de pesquisa especializados no tema ou em áreas afins contribui substancialmente para a atração de novos pesquisadores. A grande concentração de pesquisas na região sudeste, e especialmente em São Paulo, pode portanto ser diretamente relacionada a uma maior presença e longevidade tanto de programas de pós-graduação consolidados como de especialistas docentes e núcleos e laboratórios de pesquisa específicos.

Foi realizado um levantamento nos portais eletrônicos de todas as universidades federais brasileiras, bem como das Universidades Estaduais e Pontifícias Universidades Católicas mencionadas no artigo. Buscaram-se registros tanto nos portais eletrônicos gerais das instituições de ensino quanto nos endereços de Institutos e Departamentos específicos, como História, Ciências Sociais e Relações Internacionais, além dos sites dos programas de pós-graduação em áreas nas quais costuma-se encontrar maior número de pesquisas ligadas aos temas mencionados. Tendo em vista que tais portais nem sempre são mantidos atualizados, é bastante plausível que algum grupo ou centro tenha escapado aos esforços de levantamento, especialmente no caso de iniciativas menores ou extremamente recentes que ainda não possuam qualquer tipo de registro oficial ou plataforma de divulgação. Ainda assim, podemos desenhar algumas considerações e tendências gerais a partir dos dados levantados.

Como vimos, São Paulo concentra, sob todos os parâmetros, o maior número de pesquisas relacionadas à questão da Palestina, o que não deve causar surpresa tendo em vista que o estado abriga a mais importante universidade do país, a USP. A universidade domina a produção acadêmica levantada tanto no âmbito estadual quanto nacional, contando com 16 dissertações de mestrado (mais de um quinto de todas as pesquisas no Brasil) e oito teses de doutorado (quase 30% do total nacional). Chama a atenção o fato de que a maioria dos trabalhos (27 dissertações e todas as teses) concentra-se na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), com apenas um trabalho, de 2017, defendido no Instituto de Relações Internacionais (IRI), área na qual poderíamos esperar encontrar um grande número de pesquisas relacionadas à Palestina. Isso se deve, muito provavelmente, ao fato de que o IRI-USP foi fundado apenas em 2001, e seu programa de pós-graduação em 2008, de modo que até então aqueles que pretendiam desenvolver pesquisas a respeito da Palestina dentro da área de relações internacionais convergiram inequivocamente para o Departamento de Ciência Política (DCP) da FFLCH. De fato, o DCP – cujo programa de pós-graduação, ademais, sustenta há duas medições trienais da CAPES a nota máxima de sete, atraindo muitos estudantes inclusive do curso de Relações Internacionais da USP – conta com quatro trabalhos, mesmo número do

Departamento de História, onde poderíamos esperar uma concentração muito maior de pesquisas no tema.

Ocorre que mesmo que o departamento de História conte com o Laboratório de Estudos da Ásia (LEA) e, dentro dele, com um Grupo de Trabalho Oriente Médio e Mundo Muçulmano (GTOMMM), tais espaços não parecem ter um potencial particularmente agregador para pesquisadores interessados no tema da Palestina. Assim, se os estudos voltados para geopolítica e relações internacionais parecem ter se concentrado no departamento de Ciência Política, as pesquisas de cunho historiográfico estão mais presentes no departamento de Letras Orientais, tanto entre os estudos de Língua e Literatura Árabe quanto de Língua e Literatura Hebraica. O que também não causa surpresa, uma vez que o departamento oferta disciplinas específicas, inclusive na graduação, a respeito da Palestina, como Literatura Palestina e História da Palestina Moderna (I e II). Como já foi mencionado anteriormente, o Centro de Estudos Árabes (CEArusp) do Departamento de Letras Orientais, ao qual está vinculado o Núcleo de Estudos do Oriente Médio (NEOM), consolidou-se como importante núcleo de formação tanto de pesquisadores quanto de tradutores da língua árabe, os quais tiveram papel fundamental na expansão do campo nas últimas décadas.

Destaca-se ainda na Universidade de São Paulo o Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos (DIVERSITAS), que possui seu próprio programa de pós-graduação interdisciplinar e onde foram realizadas duas das pesquisas sobre Palestina encontradas neste levantamento – uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado. Finalmente, existe na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto o GRACIAS - Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes, vinculado ao departamento de psicologia.

Se a USP se destaca pela profusão de trabalhos levantados, a UNICAMP, segunda principal universidade do estado, chama a atenção por sua produção exígua: apenas uma dissertação de mestrado e uma tese de doutorado, desenvolvidas em unidades de ensino diferentes. Não nos parece coincidência o fato de não ter sido encontrado qualquer laboratório, centro, grupo ou núcleo de pesquisa dedicado ao Oriente Médio, continente asiático ou mundo árabe/islâmico em toda a universidade.

No entanto, é importante apontar que a UNICAMP participa, junto com a Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) e a UNESP, do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, de criação recentíssima (2003), o qual conta com cinco trabalhos que têm a Palestina como objeto de pesquisa, sendo duas teses de doutorado, ambas defendidas em 2020. Destes, quatro foram orientados pelo professor Reginaldo Nasser, coordenador, junto do professor Paulo Pereira, do Grupo de Estudos sobre Conflitos Internacionais (GECI), ao qual parecem estar vinculados muitos dos pesquisadores do programa que estudam o tema.

Por sua vez, a PUC-SP destaca-se não apenas por integrar o programa San Tiago Dantas mas por contar com uma produção independente relevante, com quatro dissertações de mestrado e duas teses de doutorado, ainda que não tenham sido encontrados laboratórios, núcleos, grupos ou centros de pesquisa ligados ao tema e áreas correlatas. Quanto à UNESP, o curso de Relações Internacionais do campus de Marília conta com o Observatório de Conflitos Internacionais (OCI), com um núcleo dedicado ao monitoramento dos conflitos no Oriente Médio, incluindo a questão da Palestina; mas nenhum dos dois trabalhos dedicados ao tema levantados na universidade foram defendidos no curso.

Por fim, cabe mencionar em relação ao estado de São Paulo que a Unifesp, ainda que conte com a Cátedra Edward Said – criada em 2014 em parceria com o Icarabe –, tem apenas um trabalho de pesquisa defendido sobre a Palestina. A universidade, no entanto, tem três trabalhos de conclusão de curso recentes sobre o tema, todos na área de história, o que pode ser um indício de futuras pesquisas. A Cátedra também lançou em 2020 a *Exilium - Revista de Estudos da Contemporaneidade*, que sem dúvida poderá acolher trabalhos relacionados à questão da Palestina nos próximos anos. O lançamento é digno de nota diante da escassez de periódicos e publicações especificamente voltados para temas como Oriente Médio, mundo árabe e correlatos no Brasil.

O Rio de Janeiro é o segundo maior polo de concentração de produções acadêmicas a respeito da Palestina, com dezesseis dissertações de mestrado e sete teses de doutorado. A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal Fluminense (UFF) contam cada uma com sete trabalhos, distribuídos em uma miríade de áreas do conhecimento como História, Antropologia,

Comunicação e Economia. Na UFRJ encontramos centros dedicados ao estudo do Oriente Médio/mundo Árabe em três departamentos distintos: no Departamento de Ciência Política (o Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre a África, Ásia e as Relações Sul-Sul/NIEAAS, que declara uma “ênfase na civilização árabe-islâmica” nas suas pesquisas); no Departamento de Letras Orientais e Eslavas da Faculdade de Letras (o Setor de Estudos Árabes, existente desde 1969); e no Departamento de História, que conta com o Laboratório de Estudos Orientais – Azimute, com potencial para congregar pesquisas no tema. Espaço correlato encontramos na UFF no departamento de Antropologia, o Núcleo de Estudos do Oriente Médio (NEOM), criado em 2003, além do Centro de Estudos Asiáticos (CEA), que congrega pesquisadores de diferentes temas. Não foram encontradas iniciativas do tipo na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) nem na PUC-Rio, ainda que estas contem, respectivamente, com quatro e cinco pesquisas sobre a questão da Palestina.

Ainda no Sudeste, em Minas Gerais foram levantados quatro (dentre cinco) trabalhos na área de Relações Internacionais da PUC-MG com o mesmo orientador, o professor Danny Zahreddine, que tem experiência em estudos do Oriente Médio – ainda que seu doutorado tenha sido realizado em outra área, suas pesquisas atuais têm relação com o assunto e com o tema do refúgio. Além disso, o professor é líder do Grupo de Pesquisa Oriente Médio e Magreb (GEOMM). Destaca-se ainda, com alguma surpresa, que a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) conta com apenas dois trabalhos sobre o tema, um de mestrado e um de doutorado, realizados em áreas distintas. Nem aqui nem em nenhuma das outras onze universidades federais do estado encontramos laboratórios, núcleos, centros ou grupos de pesquisa dedicados ao estudo do Oriente Médio, mundo árabe e áreas correlatas. Ocorre o mesmo no Espírito Santo, mas mencionamos que a UFES conta com um único trabalho sobre a Palestina.

Examinando a situação no Centro-Oeste nota-se, como já foi apontado, a absoluta concentração das pesquisas encontradas na Universidade de Brasília (UNB), onde foram defendidas seis dissertações de mestrado e duas teses de doutorado sobre a Palestina. Trata-se de uma quantidade relevante de trabalhos, distribuídos em diferentes áreas como Antropologia Social, Relações Internacionais, Comunicação Social e História. Não parece haver um núcleo ou grupo de estudo interdisciplinar

conectando todos os estudos, e apenas uma professora (Kelly Cristiane da Silva, do departamento de Antropologia) orienta mais de um trabalho. Cabe destacar dois espaços acadêmicos presentes na UNB que poderiam fomentar estudos na área, o Núcleo de Estudos Asiáticos (NEASIA), pertencente ao CEAM (Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares) e o Núcleo de Estudos do Oriente do Instituto de Relações Internacionais, dedicado a investigações “relacionadas com as dinâmicas do Mundo Árabe e do Extremo Oriente”. No entanto, enquanto o primeiro é definitivamente focado em estudos do leste da Ásia e do Pacífico, o segundo não parece estar particularmente ativo no momento. Nas Universidades Federais de Goiás e do Mato Grosso, ainda que estas possuam, respectivamente, um e dois trabalhos sobre a Palestina (no caso da UFMT, ambos no Instituto de Linguagens), não foram encontrados quaisquer laboratórios ou grupos de pesquisa que possam ser associados ao tema.

No Sul do país temos a segunda maior concentração de trabalhos, o que merece uma atenção aprofundada. Cabe destacar, em primeiro lugar, a significativa contribuição do Paraná, com cinco dissertações de mestrado e três teses de doutorado defendidas na Universidade Federal do Paraná (UFPR). A instituição conta com o Núcleo de Estudos dos Processos Identitários, das Etnias, das Crises e da Cultura Árabe, sob coordenação do professor Jamil Zugheib Neto, do departamento de Psicologia – ainda que nenhum dos trabalhos encontrados tenha sido desenvolvido na área, pode vir a atrair pesquisadores interessados no tema. Nos parece especialmente relevante a constatação de um nicho de pesquisa promissor na Faculdade de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina. Os trabalhos identificados ali – três dissertações de mestrado – não foram computados no saldo geral do levantamento por não se adequarem aos critérios propostos, mas ainda assim merecem a menção. A UEL conta, além disso, com o Laboratório de Pesquisa sobre Culturas Orientais (LAPECO), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História Social – departamento onde também já foi realizada uma pesquisa de mestrado sobre o tema da Palestina. Destaca-se ainda que a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), possui, sob a coordenação do professor Mamadou Diallo, um Núcleo de Estudos Árabe, Arabismo e Islamismo, que poderá

tornar-se um importante polo de atração para futuros pesquisadores interessados na área.

Quanto aos demais estados da região, em Santa Catarina foram encontradas quatro dissertações na UFSC, cada uma defendida em uma área distinta. A instituição conta com dois centros de pesquisa relevantes relacionados ao tema, o Núcleo de Estudos do Oriente Médio, vinculado ao curso de Direito, e o Laboratório de Estudos das Histórias Asiáticas – LEHAs, no departamento de História. Já o Rio Grande do Sul aparece com quatro dissertações de mestrado, duas defendidas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – que conta com o Núcleo de Pesquisa sobre as Relações Internacionais do Mundo Árabe (NUPRIMA), do Departamento de Economia e Relações Internacionais – e duas na PUC-RS. Chamamos a atenção especialmente para o fato de que o NUPRIMA, bem como o Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais ao qual está vinculado, é bastante recente, tendo sido registrado junto ao CNPq em 2018. Assim, pode-se considerá-lo também um promissor polo para o desenvolvimento de pesquisas no futuro. Finalmente, cabe mencionar que a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), ainda que não conte com pesquisas de mestrado e doutorado relacionadas à questão da Palestina, desenvolveu entre 2019 e 2020 no curso de Relações Internacionais o projeto de pesquisa “Memórias de Gaza – As Percepções da Violência no Território Palestino Ocupado”, sob coordenação do professor Fábio Duval.

Na região Nordeste, ainda que encontremos pouquíssimos trabalhos – apenas três dissertações de mestrado, uma na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e duas na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – destacam-se algumas iniciativas recentes bastante promissoras. Por um lado, existe na Universidade Federal da Bahia (UFBA) o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), o qual, ainda que centrado em estudos afro-brasileiros, pode vir a atrair pesquisas sobre Oriente Médio ou o mundo árabe e islâmico no futuro. Caso parecido é o da Coordenadoria de Estudos da Ásia (CEÁSIA), antigo Instituto de Estudos da Ásia, da UFPE, a qual permanece por enquanto definitivamente focada em estudos relacionados ao Extremo Oriente e Leste da Ásia. Por fim, cabe destacar enfaticamente o recente Centro de Estudos Árabes e Islâmicos (CEAI) da Universidade Federal de Sergipe, uma iniciativa inter-departamental coordenada pelo professor

Geraldo de Campos, do curso de Relações Internacionais. Criado em 2019, o Centro tem como um de seus objetivos justamente descentralizar os estudos acadêmicos na área, excessivamente concentrados no sudeste do Brasil – Campos, aliás, defendeu em 2019 na Faculdade de Filosofia da USP sua tese de doutorado sobre cinema palestino – e pretende envolver no futuro alunos, pesquisadores e instituições de outros estados do Nordeste e do restante do país. Destaca-se ainda que o Centro tem a Palestina como uma das suas quatro principais linhas de estudo, de modo que ainda que a UFS não conte com trabalhos neste levantamento preliminar, é bastante provável que venha a se tornar ao longo dos próximos anos um importante pólo de difusão de conhecimento acerca da questão da Palestina no Brasil.

Finalmente, devemos mencionar que foi encontrada uma única pesquisa relacionada ao tema em toda a região Norte, uma dissertação de mestrado defendida no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará. Tal escassez, somada ao fato de não ter sido encontrado qualquer laboratório, núcleo, grupo ou centro de pesquisa dedicado ao Oriente Médio, mundo árabe e islâmico ou áreas correlatas em qualquer universidade da região torna patente a urgente tarefa de descentralizar os estudos no campo que, a despeito da sua crescente popularidade, permanece excessivamente concentrado nas regiões Sul e Sudeste do país, em particular em São Paulo e no Rio de Janeiro.

3.3. Os recortes temáticos

Apresentado e discutido este panorama geral, podemos partir agora para a visualização das propostas temáticas deste conjunto de dissertações e teses. Cabe ressaltar que, ainda que não seja viável destrinchar as escolhas teórico-conceituais de cada trabalho especificamente, nossa análise permite encaminhar algumas divisões de acordo com as diferentes abordagens e problemáticas levantadas dentro dos estudos palestinos desenvolvidos no Brasil.

Como vimos, há uma diversidade de instituições que apresentam dissertações e/ou teses sobre a história da Palestina contemporânea, bem como diferentes áreas e programas de pós-graduação a que estão vinculadas. A partir deste universo, foi possível delinear tópicos mais recorrentes, de modo a agrupá-los nos seguintes grandes temas: (a) “análise sobre marcos políticos e/ou processos históricos”; (b)

"estudos sobre a cultura palestina"; (c) "migração e refúgio de palestinos ao Brasil e na América Latina"; (d) "ocupação, cidadania e direitos humanos"; (e) "estudos sobre memória, história e etnografia"; (f) "mídia brasileira e internacional na cobertura da questão palestina"; (g) "estudos comparados entre Brasil e Palestina"; (h) "política externa brasileira"; e (i) "questões teóricas". Estes segmentos foram delineados de maneira ampla a considerar a temática principal de cada pesquisa, valendo-se também das palavras-chave contidas nos resumos de cada dissertação e/ou tese. Evidentemente, vários trabalhos poderiam ser direcionados a mais de um eixo de estudo, sendo a divisão aqui proposta uma sistematização didática, que objetiva compreender alguns caminhos de pesquisa e "preferências" temáticas. Nesse sentido, trata-se antes de uma divisão dimensionadora do que de uma distribuição rígida.

As pesquisas que tratam de "análises sobre marcos políticos e/ou processos históricos" são os que formam a maior parte do levantamento, com 30 trabalhos. É significativo que estes representem uma grande fatia do mapeamento realizado, podendo indicar a relevância de se pesquisar a constituição histórica palestina a partir do século XIX de maneira crítica, buscando angariar bibliografia ainda pouco acessível no Brasil para pautar um debate nacional sobre estes processos – e trazer questões teórico-metodológicas de uma historiografia palestina importante para a discussão nacional –, tratando de questões políticas e econômicas e de um cenário global. Assim, são pesquisas que discutem a questão da Palestina em sua perspectiva histórica, geralmente dando enfoque a eventos ou processos específicos, como o período do Mandato Britânico, os antecedentes até a criação do Estado de Israel em 1948, a primeira Intifada, os Acordos de Oslo e a chamada "Primavera Árabe".

Dentre estes recortes, encontramos um trabalho para cada um dos temas que investiga o Mandato Britânico, a primeira Intifada e a Primavera Árabe, enquanto que a maior parte dos trabalhos se concentra em discutir a constituição de Israel, os Acordos de Oslo e o período pós-Oslo, a partir de diversas abordagens. Para as dissertações e teses que tratam do período do contexto da criação de Israel, situamos sete trabalhos, de instituições como USP, UNESP, UFF, UNB e PUC-RS, e com publicações de 2001, 2003, 2005 e 2009 e mais recentes, como 2013 e 2020. Para as pesquisas que tratam dos Acordos de Oslo especificamente, há duas dissertações e uma tese. Soma-se, ainda, mais sete trabalhos sobre os contextos do pós-Oslo –

incluindo temas como a política entre 1990 e 2000 e negociações de paz, a Autoridade Nacional Palestina e a política palestina, a luta palestina dentro de Israel e a realidade palestina a partir do contexto do neoliberalismo e capitalismo, esta última com duas dissertações e uma tese, da USP, PUC-SP e San Tiago Dantas, respectivamente.

De outra parte, há trabalhos que tratam de problemáticas específicas inseridas na abordagem histórica, como o “lugar” que ocupa a cidade de Jerusalém, com duas dissertações, a questão da água e recursos hídricos, com uma dissertação e uma tese, bem como a abordagem que situa a possibilidade de um estado binacional ou de dois estados para a “solução” do impasse no território, com duas teses. Estas pesquisas estão distribuídas em três instituições: USP, PUC-MG e UFSC.

Muito próximo desta ampla temática está o tópico que denominamos de “ocupação, cidadania e direitos humanos”, que contabiliza 11 trabalhos, mas que de certa forma estão associados ao eixo anterior por apresentar convergências analíticas, direcionadas para a dimensão histórica da questão palestina. Neste segmento encontramos pesquisas que discutem a temática dos refugiados palestinos no Oriente Médio, a atuação das Nações Unidas e outras ONGs, além de investigações que tratam da ocupação de Israel, do processo de judaização dos territórios ocupados na Palestina, das condições de mobilidade e cerceamento da população palestina e dos sentidos de cidadania dentro de Israel e em campos de refugiados. São pesquisas alocadas em instituições distintas como USP, San Tiago Dantas, UFRJ, UFF, PUC-MG, PUC-RS e UFPR – três somente nesta última, na área de Ciência Política, e de um modo geral, recentes, publicadas em 2014, 2015, 2017, 2018, 2020 e 2021. Podemos perceber que são assuntos tidos como pontos de discussão das circunstâncias contemporâneas e mais atuais da questão da Palestina. Portanto, aqui também destacam-se trabalhos que envolvem problemáticas recentes do pós-Oslo, situando, possivelmente, uma demanda por investigações acerca dos desdobramentos deste processo, devido aos seus resultados compreendidos, de modo geral, como negativos para a população palestina, tendo levado ao aprofundamento da ocupação por parte de Israel a partir dos projetos de anexação do território palestino. Por fim, cabe destacar ainda que estão inseridos, em ambos

os tópicos, dois pesquisadores que realizaram suas pesquisas de mestrado e doutorado na área.

O segundo tema com maior recorrência é o de “estudos sobre a cultura palestina”, com 20 dissertações e teses. São trabalhos que centram suas investigações em diferentes aspectos da cultura, incluindo o cinema, a literatura, as artes (gráfica e plástica) e expressões corporais. Destaca-se a recorrência de cinco investigações acerca das produções de Joe Sacco sobre a Palestina na forma de quadrinhos, dando origem a trabalhos de pesquisadores de instituições diversas, como UFRJ, UFES, UNB, UFG e UFMT. Outro foco expressivo de investigação é visualizado a partir da literatura, com seis dissertações tratando de autores palestinos como Mahmoud Darwish, Ghassan Kanafani, Fadwa Tuqan e Susan Abulhawa. Além disso, outras pesquisas ainda se debruçaram sobre a arte, com uma dissertação, e cinema e documentário, com dissertações e teses da UFMG, USP e UNIFESP de publicações recentes: 2018, 2019 e 2020, respectivamente. Para as expressões corporais, há um trabalho que explora o teatro e outro que trata da prática esportiva. Este é um eixo de pesquisa que nos permite problematizar, por exemplo, a possibilidade de acesso às fontes, tanto no que diz respeito ao formato quanto à sua disponibilidade, se pensarmos em circulação online, por sites ou streaming. Ainda, um caso particular de debate acerca da própria comunicação visual, que tem um tratamento metodológico específico, e um potencial de estudo que não passa, necessariamente, por impor a compreensão estrita de uma fonte documental em língua árabe ou outra língua estrangeira.

Considerando o tópico “migração e refúgio de palestinos ao Brasil e na América Latina”, que totaliza 18 trabalhos do levantamento, percebe-se que pesquisadores de instituições diversas focalizaram nesta investigação para compreender os processos migratórios e construção de identidades nas várias regiões do país. São abordados palestinos em Santa Catarina, com dois trabalhos, e este mesmo número para palestinos no Rio Grande do Sul. A maior parte dos estudos se concentra em São Paulo, incluindo a capital e cidades do estado, com quatro pesquisas, valendo-se de problemáticas próprias, como resistência, política, culinária, entre outros. Para pesquisas que focalizaram em Brasília, encontramos três trabalhos, incluindo uma dissertação e tese de uma mesma pesquisadora da UNB,

publicadas em 2007 e 2012, respectivamente. Para outras regiões, há estudos sobre a migração palestina no Rio Grande do Norte, em Manaus, e em Barra do Garças/MT. Por fim, destacamos os trabalhos que tratam de aspectos gerais da imigração palestina ao Brasil, com três trabalhos realizados na USP, UFSC e UFPE.

Nota-se, deste conjunto, que há uma concentração relativamente grande de trabalhos anteriores a 2010, publicados em 2000, 2006, 2007, 2008, 2009 e 2010 (além de outros em datas próximas, como 2011 e 2012), indicando, possivelmente, que a temática é um importante ponto de aproximação analítica na relação entre Brasil e Palestina, que não teve um crescimento abrupto recente porque se manteve relevante ao longo dos anos (e claro, é necessário considerar os aspectos de desenvolvimento de pesquisa também). Assim, é um segmento de estudo que permite reflexões sobre as formas de deslocamento contemporâneo, os impactos das migrações para os sujeitos e a relação histórica e cultural deste com as diferentes histórias "locais" no Brasil. Este tema também pode partir de uma demanda de produção de conhecimento ligado a alguma comunidade árabe e palestina no Brasil, uma vez que a imigração árabe se destaca dentro da formação histórica da sociedade brasileira. Nesse âmbito, é possível ressaltar a existência de uma historiografia brasileira sólida que tem se dedicado ao estudo dos processos migratórios do Oriente Médio ao Brasil, como mencionado anteriormente (OSMAN, 2021), buscando compreender tanto as migrações do final do século XIX e início do XX, quanto os deslocamentos mais recentes, com suas particularidades nas formas de deslocamento, justificativa, grupo étnico e religioso, entre outros

Outros tópicos também apresentam abordagens com aproximação do Brasil, ainda que sejam menos recorrentes em quantidade de trabalhos. São as temáticas que tratam da "mídia brasileira e internacional na cobertura da questão palestina", "estudos comparados entre Brasil e Palestina" e "política externa brasileira", com cinco, quatro e quatro trabalhos, respectivamente. Com relação à mídia, há somente um trabalho que discute a cobertura jornalística de uma israelense nos Territórios Ocupados (justificando o recorte também "internacional" deste tópico), sendo que as outras pesquisas se dedicam a analisar a cobertura e/ou a "representação" dos palestinos em periódicos e agências de notícias brasileiras. De maneira similar, o tópico sobre a política externa é abordado a partir de um recorte governamental

e/ou de prática política. Por fim, os trabalhos que se valem de uma metodologia comparada se concentram em analisar aspectos de ocupação, violência e guerra em regiões específicas do Brasil e da Palestina. Existem dois trabalhos que comparam as favelas do Rio de Janeiro com realidades palestinas, além de um trabalho que compara Palestina e Ceilândia, no Distrito Federal; e por fim, outro que ainda relaciona estes cenários com Portugal. São dissertações e teses produzidas em 2009, 2013, 2017 e 2018, e que apresentam abordagens que podem potencializar os diálogos do sul global, tratando de questões da realidade contemporânea mundial, utilizando ferramentas teórico-metodológicas compartilhadas.

Um outro âmbito de estudo vem sendo desenvolvido, que diz respeito a pesquisadores que fizeram trabalhos de campo na Palestina, com resultados em suas pesquisas que tratam diretamente desta vivência. Destacamos, nestas teses e dissertações, um total de seis a partir deste mapeamento, uma abordagem etnográfica e construída por meio de entrevistas e aspectos da história oral, e que se debruçam sobre dimensões dos processos de memorialização, experiências e resistências palestinas. Aqui se abre a possibilidade de pesquisa *in loco*, potencializando observações diretas da questão da Palestina a partir de pesquisadores brasileiros. Apesar da distância geográfica e das possíveis dificuldades de deslocamento, iniciativas recentes têm aproximado a Palestina do Brasil, contribuindo para uma ampliação de interesse e estudo na região.

Para finalizar esta divisão temática, destacamos a presença de dois trabalhos que tratam de abordagens teóricas sobre a Palestina a partir de estudos sobre as obras de Edward Said e os diálogos com a teoria pós-colonial. Ainda que com pouca ocorrência, é uma área importante a ser explorada, que instiga o aprofundamento da compreensão da história palestina contemporânea potencializada por uma base de (re)formulação epistemológica, que por sua vez, pode nos auxiliar a compreender processos históricos do próprio Brasil, ou de outros contextos.

4. Considerações finais

Ao final deste percurso, visualizamos um cenário próspero para os estudos da questão da Palestina no Brasil, especialmente por sua potencialidade de ampliação. Ainda que lacunar em muitas localidades e instituições – ao que deve ser remetido

também às questões mais amplas do Ensino Superior brasileiro, como abordamos –, percebemos um crescimento expressivo de trabalhos sobre a Palestina, especialmente a partir de 2015, de modo que podemos vislumbrar o surgimento de mais teses e dissertações, resultantes não só de interesses individuais, mas fruto de articulações internas e de diálogos entre laboratórios, núcleos de estudo e instituições diversas.

De maneira a concluir, ressaltamos que este artigo se apresenta como um levantamento inicial com análises preliminares, que objetivou contribuir para uma visualização dos estudos palestinos no Brasil, partindo do ano 2000. Nesse sentido, entendemos que pode e deve ser ampliado em pesquisas futuras, a partir de outros critérios tais como a inclusão de outras instituições de ensino e/ou outros recortes temporais, ou, ainda, do ponto de vista da análise das dissertações e teses, um estudo que proponha investigar as estruturas dos trabalhos, as metodologias empregadas, as referências conceituais e as fontes utilizadas, entre outros. Como foi mencionado acima, também seria de suma importância um cruzamento dos dados aqui expostos com outros indicadores tais como a existência já consolidada e o surgimento de novas publicações acadêmicas (revistas e periódicos) especializadas vinculadas às instituições de pesquisa aqui referenciadas. Todos esses pontos são essenciais para um mapeamento completo e coerente da produção acadêmica a respeito da Palestina no Brasil, bem como para a visualização do quadro teórico-metodológico no qual esses trabalhos estão inseridos.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila; SA'DI, Ahmad (ed.). **Nakba**: Palestine, 1948, and the Claims of Memory. New York: Columbia University Press, 2007.

ADI, Ashjan Sadique; SAHD, Fábio Bacila (Orgs.) **Oriente Médio e Palestina pesquisados a partir do Brasil**: reflexões acadêmicas, marginais e críticas. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

AYIGH, Rosemary. **Too many enemies**: the palestinian experience in Lebanon. London: Zed Books, 1992.

BUZETTO, Marcelo. **A Questão Palestina - Guerra, Política e Relações Internacionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

CAPES. "Catálogo de Teses e Dissertações". <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso: 27 nov. 2022.

GATTAZ, André. **A Guerra da Palestina**: da criação do Estado de Israel à Nova Intifada. Belo Horizonte: Usina do Livro, 2003.

MASALHA, Nur. **Expulsion of the Palestinians**: the concept of "transfer" in Zionist Political Thought (1882-1948). Washington, DC: Institute for Palestine Studies, 1992.

MASALHA, Nur. **The Palestine Nakba**: Decolonising History, Narrating the Subaltern, Reclaiming Memory. London: Zed Books, 2012.

MEIHY, Murilo Sebe Bon. "'Arabia Brasiliensis': Os estudos árabes e islâmicos no Brasil", **Hamsa** [Online], 1, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/hamsa/865>. Acesso: 27 nov. 2022.

MINISTÉRIO da Ciência e Tecnologia. "Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações". <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso: 27 nov. 2022.

MISLEH, Soraya. **Al Nakba** – um estudo sobre a catástrofe palestina. São Paulo: Sundermann, 2017.

MOHANTY, Chandra; RUSSO, Ann; TORRES, Lourdes (ed.). **Third World Women and the Politics of Feminism**. US: Indiana University Press, 1991.

OSMAN, Samira Adel. "A imigração árabe no Brasil: balanço da produção acadêmica (1970-2020)". **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol. 13, n. 2, p. 236-255, 2020.

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/1058/pdf>. Acesso: 27 nov. 2022.

SAID, Edward. **A Questão da Palestina**. Tradução: Sonia Midori. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SÉ, Letícia. "Universidade funda clube do livro árabe em meio à cena crescente de traduções". **Le Monde Diplomatique Brasil**. 2 de Julho de 2021. <https://diplomatique.org.br/universidade-funda-clube-do-livro-arabe-em-meio-cena-crescente-de-traducoes/>. Acesso: 27 nov. 2022.

Recebido em: 30/11/2022

Aprovado em: 10/03/2023